

LIVRES COMO LIVROS

ISABEL PEREIRA LEITE*

Resumo: *Do nascimento das palavras, e logo do afã da comunicação, aos incomensuráveis livros – e englobemos aqui toda a produção escrita, independentemente do seu suporte – o homem tem vindo a percorrer um caminho único. Se o registo de tal aventura não tivesse sido feito, por muito que se tivesse evoluído, a necessidade de recuar no tempo seria incontornável. Porque haveria que voltar a perceber, de novo, cada manhã do mundo. Porém, e porque a palavra se tornou letra, e a letra vida, atravessámos já milénios, lado a lado com os livros, que se foram tornando baluartes de algo que configura o nosso desejo maior: a Liberdade.*

Palavras-chave: Livro; Liberdade; Leitura; Escrita.

Abstract: *From the first words ever pronounced to countless books – and here we include all written production, regardless its support – man has followed a unique path. If this adventure had not been recorded, we would constantly have to go back in time, because we would feel the need to understand each new morning. But words have become a written heritage, carrying life along the way. Life in books. In fact, books are mirrors of Freedom. Freedom, our ultimate aspiration.*

Keywords: Book; Freedom; Reading; Writing.

Dizem os bons a uma voz,
Os bons, estes, não aqueles,
Que os bons como Nós, somos Nós
E todos os mais são Eles:
Porém se atravessares o mar
Em vez de seres um embaraço
Poderás (pensa!) vir a confirmar
Que o Nós é só d'Eles um pedaço.

Rudyard Kipling, 1919

*The love of liberty is the love of others;
The love of power is the love of ourselves.*

William Hazlitt, 1819

No capítulo 11 do *Livro do Génesis* é dito que aqueles que sobreviveram ao dilúvio falavam todos a mesma língua, tendo construído, na cidade que então fundaram, uma grande Torre. Porém, o ambicioso Nimrod, neto de Noé, querendo invadir o Reino de Deus, preparou, com os seus, o ataque. Para os castigar a todos, Deus enviou dois anjos, que encarregou de confundir a linguagem que falavam, para que deixassem de poder entender-se uns aos outros, iniciando-se, assim, uma luta sem fim.

Incontáveis formas de discurso tornaram a própria linguagem a razão para as terríveis divisões que continuam a grassar entre os homens, para as discriminações, para a segregação.

Mas será, questiona Manguel, em *The City of Words*, que inverter o curso da maldição de Babel é impossível? Não será esse mesmo o papel dos livros? Será que, como tijo-

* Universidade do Porto. Faculdade de Letras/CITCEM. Email: carpe.diem.ipl@gmail.com.

los, tijolos que traduzem as experiências em palavras novas, palavras sempre renovadas, os livros não poderão servir para edificar uma outra Torre onde, um dia, possamos viver em entendimento, fazendo-nos compreender uns aos outros, numa nova arte que pressuponha um novo código que nos mantenha unidos através do tempo e do espaço?

Pessoalmente, consideramos aliciante esta perspectiva, apesar de, na senda socrática, cada vez mais pensarmos que realmente nada sabemos.

«Ler amadurece o espírito, conversar adestra-o, escrever torna-o exacto; portanto, se o homem escreve pouco, necessita de grande memória; se conversa pouco, de vivacidade intelectual; se lê pouco, de muita astúcia, para simular que conhece o que não conhece»¹. É Francis Bacon quem, nos seus *Ensaio*s, o diz, em 1625.

Não conseguimos citar com precisão Henry David Thoreau que, por meados do século XIX, afirmava que os castelos que construímos no ar estão lá muito bem – o que é preciso é tratar-lhes dos alicerces. Por nós, esses alicerces serão os incomensuráveis livros que esculpiram o tempo, ora à maneira de Borges, ora desdobrando-se como Pessoa. Que raízes e fundações profundas têm esses alicerces e como somos privilegiados por herdarmos esses sonhos e podermos continuar a vivê-los!

Ler bem é ler com Alma. Ora, a nossa Alma viu-se a braços com um problema de grandeza relativa, devemos confessar: na impossibilidade de nos vermos nas desaparecidas Casas de Vida no Egipto (numa brevíssima explicação, digamos apenas que na Biblioteca do Templo, a Casa de Vida, se protegiam, copiavam e interpretavam textos divinos, a fim de se conhecer a vontade dos deuses), nessa impossibilidade, então, acabámos por nos remeter à ideia de um projecto a que, nessa perspectiva – a da luta contra as forças do esquecimento – chamámos «Livres Como Livros». O que fazer, então, para impedir que as garras do esquecimento se apoderem desses infundáveis livros que são, em boa verdade, a memória do mundo?

Se bem nos lembramos, no Antigo Egipto, o nome que a cada um era atribuído ao nascer era indispensável para que fosse reconhecido e recordado. Um dos piores castigos que se podiam infligir a um egípcio era atentar contra o seu nome, destruindo o suporte no qual estava escrito, já que cairia no esquecimento, sendo o esquecimento a própria morte.

Mas, pensando bem, quem é que deu o primeiro passo? Os avanços da literacia, do tempo das tabuinhas da Suméria até aos mais rebuscados recursos electrónicos de hoje, fazem-se devagar e em ritmos absolutamente desfasados. E daí? Acumular conhecimento não é conhecimento (os antigos bibliotecários de Alexandria perceberam isso muito bem) – o conhecimento é, sobretudo, reflexão profunda. Há, por isso mesmo, grandes escritores que só publicam a obra depois de anos e anos de aturado amadurecimento intelectual. As bibliotecas pessoais, diz-se, são o retrato de quem as possui e as foi construindo ao longo do tempo. Em certa medida, são como um grupo de amigos com os quais podemos estar sempre que quisermos.

Calímaco precisou de ordenar a grande Biblioteca de Alexandria; dividiu-a, aliás, em 8 «tabelas» que deveriam abranger todo o conhecimento contido nos rolos. Incontáveis

¹ BACON, 1992: 15-16.

gerações de bibliotecários foram-se encarregando, depois, de multiplicar este número até ao infinito (infinito não será, mas partamos desse princípio...), o que fez as delícias de Borges. Um parêntesis que, para nós, faz todo o sentido: Borges, num dos seus tantos textos, recorda que na CDU (Classificação Decimal Universal), hoje comumente utilizada nas Bibliotecas do mundo inteiro, a notação 231 corresponde a Deus – Deus está, assim, em todo o lado!

Thomas Jefferson criou uma classificação que aplicou à arrumação dos livros da sua preciosa biblioteca. «*I cannot live without books*», dizia ele. Aquela que é hoje a monumental Biblioteca do Congresso começou, precisamente, assim: porque a alguém era impossível viver sem livros. E porque, a cada passo, precisava deles, esse alguém engendrou um processo de nunca lhes perder o rasto, ordenando-os nas estantes que se tornaram a sua casa. Uma casa com uma apaixonante história...

As histórias são a nossa memória. As Bibliotecas são as suas guardiãs, e a leitura o processo que permite recriar essa memória, citando-a, repetindo-a, traduzindo-a, ligando-a à nossa própria experiência para que possamos construir hoje, a partir do que gerações e gerações anteriores entenderam preservar.

Embora já não sejamos capazes de nos lembrar (a memória tem coisas destas...), lemos, algures, que o Paraíso, depois da Queda, foi espalhado em incomensuráveis fragmentos pela Terra. É por isso que hoje a felicidade está nas pequenas coisas; sobretudo nas pequenas/grandes coisas, como o prazer de ler um bom livro. Na pujança do ser e no auge da aflição, como, de resto, na contradição, podemos escolher palavras que registamos, como Fernando Pessoa, no interessantíssimo poema ao qual, em 1937, chamou *Liberdade*:

*Ai que prazer
Não cumprir um dever.
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
O sol doira sem literatura.
O rio corre bem ou mal,
Sem edição original
[...]
Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.
[...]
E mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca...²*

² PESSOA, 1972: 188-189.

Face a isto, não será lícito colocar certas interrogações? O que responderia o poeta, se inquirido sobre a importância da folha de papel e da caneta? E do livro que revelou ao mundo esta anacrónica simbiose? O facto é que chegou até nós. E perdurará. Os livros; sempre os livros!

Conta-se que, há muito tempo, foi perguntado a um idoso chinês de celebrada sabedoria que desejo formularia, caso estivesse garantida a sua satisfação. A resposta foi imediata. Ele disse apenas que restituiria às palavras o seu significado próprio. Portanto, já há muito andava alterado o significado genuíno das palavras. Também hoje, sobretudo hoje, isso acontece.

O que hoje não conseguimos definir são os laços que, pessoalmente, nos ligam aos livros. O que sabemos, sem dúvida, é que não conseguimos viver longe deles. Se nos perguntarem por que é que amamos os livros, responderemos, num elevado registo de presunção, como Montaigne, que sentimos uma enorme dificuldade em dizê-lo, mas afirmando que é porque eles são o que são e nós somos o que somos. Acreditamos em Séneca: «*Otium sine litteris mors est*» (Ócio sem leitura é morte).

Agostinho da Silva dizia «Quer pareça justo quer injusto o que se ler, houve benefício em ler; metal, do autor e do leitor, se passou em água régia, e se viu ouro ou cobre, ambos necessários e úteis, desde que se saiba o que são e para que servem, e até se mantenha bem clara a noção de que ouro, para que se empregue, exige cobre. Pular por cima é melhor para concurso hípico do que para vida de gente; a nós nos convém ir medindo o terreno com nossos pés, quer haja a macieza das areias das praias quer a aspereza dos calhaus de monte; talvez encontreis nesta página mais destes últimos do que dos finos grãos lavados de onda; em qualquer caso, é melhor ler; e talvez o pedregulho ajude mais nossas moelas a tirar de tudo quanto existe, triturando-o, um saco nutridor; não, certamente, o da Verdade absoluta; mas, quem sabe, o das verdades provisórias que degraus lhe são»³.

Essa magia, essa atracção, esse amor pelos livros terão explicação? Devemos confessar que, no nosso sentir, permanecem um mistério. E isto faz-nos recuar uns anos e relembrar o que um Miguel Esteves Cardoso, inspirado, escreveu no *Expresso*: «O amor não se percebe. Não é para perceber. O amor é um estado de quem se sente. O amor é a nossa alma. É a nossa alma a desatar. A desatar a correr atrás do que não sabe, não apanha, não larga, não compreende»⁴. Também é assim, o amor pelos livros que vão povoando o percurso humano, de milénio em milénio.

O autor e o leitor juntos tornam possível qualquer irreabilidade. Manuel Gusmão e Duarte Belo, cúmplices nas inquietações, juntos nas interrogações, apresentaram, em 2001, *De Alguma Maneira o Leitor Escreve Para que Seja Possível*, editado a partir de um belíssimo texto do primeiro, *As Posições do Leitor*, publicado em 1971. Numa simbiose rara, fotografia e escrita como que brotam da mesma fonte. José Luís Peixoto, numa entrevista, em 2003, dizia que «através da leitura temos oportunidade de estar na pele de

³ SILVA, 1999: 218.

⁴ CARDOSO, 2005: 17.

outras pessoas e de sentir coisas que não fazem parte da nossa vida, mas que, no momento em que lemos, conseguimos perceber como são. E isso faz-nos ser mais humanos. Na leitura e na escrita encontramos-nos todos naquilo que temos de mais humano»⁵.

Lyn Yutang, filósofo chinês do século XX, escreveu o seguinte: «O sábio lê livros, mas lê também a vida. O universo é um grande livro e a vida é uma grande escola. Quanto mais leio, mais ignorante fico. A escolha com que hoje se depara qualquer homem situa-se entre a inocência que não lê e a ignorância que lê muito»⁶.

Cruz Malpique, conhecida figura do meio intelectual do Porto no século passado, escreveu na sua *Introdução Sentimental às Bibliotecas* (que comprámos, há 30 anos, na Feira do Livro de Lisboa, por 25 tostões) que «Uma Biblioteca devia ser sempre a acrópole, como quem diz a cidade alta, ou a cidadela do Espírito, e nunca a necrópole, a cidade morta desse mesmo Espírito»⁷. Sempre lhe demos razão. O coração da Biblioteca pulsa ao ritmo das conversas que o falar em silêncio deixa adivinhar, porque os livros assumem, de forma solidária, os seus lugares, lado a lado, nas prateleiras a perder de vista, como o saber infinito que contêm. Ainda na mesma obra, Cruz Malpique, dissertando sobre as aptidões que o bibliotecário deve possuir, vai dizendo: «Juizinho, juizinho pois, Senhor Bibliotecário! Não arme em presumido; estude, estude sempre que, no fim e ao cabo, ainda terá que reconhecer, melancolicamente, que pouco sabe para o integral desempenho das suas funções públicas – as de servir a cultura com muita ciência e outra tanta consciência, e ainda com muito amor (não se envergonhe dessa palavra!)»⁸.

Tão sagaz conselho não deve, contudo, dirigir-se apenas aos bibliotecários, mas a todos: o amor às bibliotecas, como a maioria dos amores, deve ser aprendido. Se, no que a isto respeita, não temos qualquer dúvida, é porque não nos esquecemos do testemunho de Manguel: «Tenho a sensação de que, sem ter consciência disso, tiro notas enquanto leio, em função daquilo que virei a experimentar, ou daquilo que experimentei, mas sem compreender»⁹.

Veloz e imparável é a imaginação criadora: Pierre François Desfontaines, em 1730, num romance ao qual chama *Le Nouveau Gulliver*, inventa a Ilha dos Poetas, cujos habitantes descendem de Herosom, antigo poeta filho do Sol e da Lua. No que nos diz respeito, preferimos imaginar que o Paraíso é o lugar onde finalmente teremos tempo para ler todos os livros que não pudemos ler, inclusivamente aqueles de cuja existência nem sequer suspeitávamos. Parece-nos uma ideia muito interessante, mas diametralmente oposta a esse trágico memoricídio que, uma vez iniciado, não parece que vá ter fim. Falamos dos tantos e tantos livros destruídos.

Confúcio (551-479 a.C.) interrogava-se: «O que faz o homem com li, se lhe falta zen?», significando li «cerimónia correcta» e zen o equivalente a «amar os outros». Li, zen e música, sendo esta o complemento ideal, formariam a perfeição. Em que consistiria essa

⁵ PEIXOTO, 2003: 12.

⁶ YUTANG, 1994: 166 (nossa trad.).

⁷ MALPIQUE, 1962: 23.

⁸ *Ibidem*, 39.

⁹ MANGUEL, 2007: 248.

perfeição nunca o viremos a saber, porque *O Livro da Música* se perdeu. Aliás, nenhum dos livros de Confúcio sobreviveu. Durante a Grande Queima dos Livros, em 220 a.C., levada a cabo por Li Ssu, Chanceler do Imperador, intolerante para com os homens de letras que não se modelavam pelo presente, mas estudavam o passado com o objectivo de criticar o presente, o que de melhor havia pereceu, embora saibamos que foram dadas instruções para que um exemplar de cada obra fosse conservado na biblioteca pessoal do Imperador.

A Inquisição, sobre a qual, naturalmente, não nos alongaremos aqui, foi uma das instituições judiciais de natureza religiosa e política mais severas que o homem jamais criou para combater a dissidência e o pensamento heterodoxo. Nos países onde actuou, a censura, a tortura, a destruição de homens e de livros sob o signo do dogmatismo estendeu-se ao longo dos séculos XV, XVI, XVII e até XVIII, em certos casos. O temível *Index Librorum Prohibitorum* fez crepitar nas fogueiras considerável parte do pensamento humano impresso.

Em 1755, no dia 1.º de Novembro, Lisboa viu-se surpreendida por um terramoto dos mais horrendos de que há memória. Entre a terra que continuamente tremia, as águas que avançavam e os incêndios que grassavam, viu-se a cidade destruída. A corte d' El-Rei D. José foi, porém, poupada, «por feliz desgraça», como alguém deixou registado. Já o mesmo não aconteceu com a Real Biblioteca do Paço da Ribeira, por exemplo. Com 70000 volumes, incluindo obras raríssimas, documentos criteriosamente seleccionados, códices, incunábulo, gravuras, partituras e mapas, a Livraria Régia expressava o secular interesse dos nossos monarcas pelos livros ou, num dizer coevo menos simpático, pelas vantagens políticas e simbólicas que um tal acervo trazia. D. João V costumava dizer, segundo Diogo Barbosa Machado, que a sua Livraria tinha para ele a mesma importância que o ouro enviado do Brasil, muito tendo despendido, ou melhor, investido nela.

Voltaremos, mais adiante, às vicissitudes da Biblioteca da Coroa portuguesa ao tempo de D. João VI. Avancemos, por agora, e situemo-nos, séculos mais tarde, na Alemanha nazi, nesses anos de autêntica bestialidade, de verdadeiro bibliocausto. Hitler, Chanceler em 1933, iniciou, como é sabido, uma acérrima e impiedosa perseguição à cultura, embora fosse, ele próprio, um leitor voraz. O mundo não voltou a ser o mesmo, mas o homem resistiu a mais esse cruelíssimo golpe.

Já no século XXI, durante a guerra no Iraque, iniciada com a invasão que todos conhecemos, 1 milhão de livros, 10 milhões de documentos e 14 mil artefactos arqueológicos foram perdidos. Há quem diga que este está a ser, porque a destruição pelo fogo e pela rapina vai continuando, o maior desastre cultural desde que Bagdad foi destruída pelos mongóis, em 1258.

Se, porém, falamos de desastres culturais, vale a pena referir dois vultos franceses que, vítimas do destino, se viram privados das suas bibliotecas. O erudito Abade Gonjet, por volta de 1760, morre de dor por ter sido obrigado a vender a biblioteca que possuía, enquanto M. de Valincourt, pouco tempo antes, em Paris, apenas diz «*Je n'aurais guère profité de mes livres, si je n'avais appris d'eux à m'en passer*», depois de ver a sua enormíssima biblioteca inteiramente consumida pelo fogo. Convenhamos que não deixam de ser

dois testemunhos deveras curiosos! Como curiosa é a atitude de Senhor Grapina, financeiro português do século XVIII que, sendo possuidor de uma magnífica Biblioteca, se afirma tão delicado e exigente que nunca lê os seus livros, porque, se lhes tocasse, correria o risco de os estragar e isso, justamente, era o que não queria. Enfim, bizarrias!

E não estamos a falar de génios, sobre os quais dizia Diderot «*Les génies lisent peu, pratiquent beaucoup et se font d'eux-mêmes*»!!! De facto, Lamartine só começou a ler por volta dos 50 anos; Maupassant não prezava grandemente a leitura, porque preferia a realidade em primeira mão; Zola antes queria gastar o tempo que tinha a escrever; Pierre Loti, ao ser recebido no seio da Academia Francesa revelou, alto e bom som «*Je ne lis pas!*». Hobbes nem mesmo tinha biblioteca e Melanchton possuía apenas uma estante onde só tinha aqueles a quem chamava os quatro Ps: Platão, Plínio, Plutarco e Ptolomeu.

Pois é! Quantas leituras resgatadas; quantas leituras perdidas nestes curtíssimos relatos... Vale, por certo, a generosidade e a sensatez de alguns, como o 2.º Visconde de Balsemão, que, no início do século XIX, abre as portas da fantástica Biblioteca do palacete onde vivia, no Porto, a todos aqueles que pretendessem consultar o que lá existia – foi a primeira vez que tal gesto se verificou, pelo que aqui fica registado.

Detenhamo-nos, agora, no Portugal do século XVIII. A preocupação com o futuro das bibliotecas particulares e dos negócios ligados aos livros vai-se fazendo sentir. Ao apreciarmos alguns dos muitos registos notariais existentes no AN/TT e transcritos na obra *As Gentes do Livro: Lisboa, séc. XVIII*, damo-nos conta de que os livros são considerados património valioso, por vezes embaraçoso, por quem os possui. O cuidado pormenorizado com que o tabelião regista vontades e quereres dos Borel, dos Aillaud, dos Bertrand (e não é por acaso que mencionamos nomes franceses), em meados de Setecentos, ou o ajuste de venda de 4740 volumes de novelas que, em 17 de Março de 1800, é feito a António Manuel Policarpo da Silva, o d'A *Gazeta*, que também escreveu a deliciosa obra *O Piolho Viajante*, por 770 mil réis, são bons exemplos do interesse pelos livros.

Em 2 de Outubro de 1811 ficamos a saber que o Intendente Geral da Polícia em Lisboa, dando cumprimento a uma ordem do Conde de Linhares, vinda do Rio de Janeiro em nome de Sua Alteza Real, manda prender os famigerados livreiros Borel e apreender todos os seus papéis, seguramente depois destruídos. Sensivelmente onze anos antes, em 5 de Setembro de 1800, João Henriques, homem cego, contratador de livros em Lisboa, faz testamento de tudo o que possui. Como é óbvio, sendo livros em grande parte, pretende acautelar-lhes o futuro, por não ter filhos.

Em 1986, Jorge Luís Borges, expoente máximo da literatura do seu século, morre em Genève. A sua herança pertence ao mundo inteiro. Em 1975, vinte anos depois de ter sido nomeado para dirigir a Biblioteca Nacional de Buenos Aires, Borges compôs este belíssimo poema:

Os Meus Livros

Os meus livros (que não sabem que existo)

São uma parte de mim, como este rosto

De têmporas e olhos já cinzentos

*Que em vão vou procurando nos espelhos
E que percorro com a minha mão côncava.
Não sem alguma lógica amargura
Entendo que as palavras essenciais,
As que me exprimem, estarão nessas folhas
Que não sabem quem sou, não nas que escrevo.
Mais vale assim. As vozes desses mortos
Dirme-ão para sempre¹⁰.*

Ontem, como hoje, os livros! A exclamação é nossa. Lamentável é, por exemplo, que Camilo, no 3.º quartel do século XIX, numa carta a Martins Sarmento, lhe revele que está a inventariar 4000 volumes por entender que seus filhos, ignorantíssimos, mal ele feche os olhos, os venderão às mercearias.

Satisfeita, é certo e seguro, ficou, ao invés, a corte no Brasil, quando viu chegar a Real Biblioteca que, no encalço da Rainha e do seu séquito, seguiu para o Rio de Janeiro, na precipitação (ou talvez não...) da fuga aos franceses, em 1807. Não sendo já o que havia sido nos tempos áureos do Magnânimo Rei, devastada pelo terramoto de má memória, era, porém, um acervo notável, instalado no Palácio da Ajuda, a partir da compra de colecções privadas, da incorporação de bibliotecas monacais e de generosas doações, como a de Diogo Barbosa Machado. Seguiu, pois, a livraria em caixotes, bem recomendada, mas não muito bem tratada. Nas pressas do embarque, muitos desses caixotes foram ficando, segundo alguns relatos, a apodrecer, entre peripécias no mínimo dignas de uma crónica. O que é certo é que pelo meio dos atropelos de uns e da parcimónia de outros, o Conde da Barca tratou foi de despachar a sua mui importante e amada Biblioteca, aproveitando o ensejo. Regressa, em 1821, D. João VI, deixando o filho e a Biblioteca no Brasil, não sem enorme contestação do reino, que a exige de volta. Mas voltar é que não volta, até porque, entretanto, crescera. Acaba esta saga, no meio de avaliações, contas, alguma diplomacia, e não sem a intercessão de valores bem elevados que Portugal cobra ao Brasil, por, em parte, ter a sabedoria atravessado o oceano.

Falando em sagas, reportemo-nos àquela que, condensada num livro, abarca passado, presente e futuro como um só – a *Bíblia* – e, para chegarmos, de novo, aos livros, citemos o *Eclesiastes*:

*Todas as coisas têm o seu tempo e tudo o que existe debaixo dos céus tem a sua hora.
Há tempo para nascer e tempo para morrer;
Tempo para plantar e tempo para arrancar o que se plantou;
Tempo para matar e tempo para dar vida;
Tempo para destruir e tempo para edificar;
Tempo para chorar e tempo para rir;
Tempo para a inquietação e tempo para dançar;
Tempo para lançar pedras e tempo para as apanhar do chão;*

¹⁰ BORGES, 1998: 113.

*Tempo para abraçar e tempo para rejeitar;
 Tempo para ganhar e tempo para perder;
 Tempo para guardar e tempo para atirar fora;
 Tempo para rasgar e tempo para coser;
 Tempo para calar e tempo para falar;
 Tempo para amar e tempo para odiar;
 Tempo para a guerra e tempo para a paz.
 Que proveito tira o homem do seu trabalho?
 [...]*

Reconheci que nada havia de melhor para o homem do que alegrar-se com o fruto dos seus trabalhos. Esta é a parte que lhe toca. Porque quem lhe dará a conhecer o que acontecerá depois dele?¹¹

De facto, não nos é dado conhecer, comuns mortais que somos, o que acontecerá depois de nós, mas podemos saber o que aconteceu antes de nós. Porque está tudo nos livros. Sem livros, o mundo não era nada!

Através dos incomensuráveis livros, que traduzem a experiência humana em palavras, novas palavras sempre renovadas que nos mantêm unidos, sulcando o tempo e o espaço, se trocam conversas sem fim, como diria Plínio, o Jovem.

Não temos a menor dúvida de que os leitores criam escritores que, por sua vez, criam novos leitores. Das mãos dos autores e dos leitores, das mãos que naturalmente se afeiçoam, nasce um tecido resistente, composto de palavras eternas.

Os livros oferecem-nos a vida. Eles próprios são vida!

Por acreditarmos nisso, por acreditarmos que é possível encontrar, numa página de um livro, a resposta perfeita, quase sempre uma resposta intemporal, estamos hoje aqui, entrados já na segunda década do século XXI. É que as incontáveis vigílias humanas vão resgatando esse prodigioso património da humanidade que é a palavra.

Nada, jamais, será capaz de cortar a raiz ao pensamento, porque ele é livre, é da pólis, da cidade, não se perde na sua essência – sempre haverá como o transmitir. Oscar Wilde afirmava, aliás, que as suas únicas discussões eram com as palavras, nunca com as acções. O poder das palavras é o poder da liberdade, coisa de que o bom leitor, ou ouvinte, se apercebe.

Sempre vivemos em dicotomia: a razão contra a força; a batalha entre os homens de letras e os homens de armas; o jogo dos afectos e dos des afectos. D. Quixote, sábio como poucos, reduz isto a duas palavras – o «meu» e o «teu».

Ora, as palavras têm de ser de todos. Não há o «meu», nem há o «teu»; apenas uma nova ordem, a ordem dos livros e dos leitores, tão do gosto de Roger Chartier, uma ordem ora sublime, ora aterradora, mas sempre veloz como a liberdade, essa herança-construção que pertence ao mundo inteiro e que continuamente se renova. Camões bem o sabia.

Continuemos, agora com Lygia Bojunga, a escritora de literatura infanto-juvenil em língua portuguesa mais premiada até hoje, que pega no «meu» e no «teu», que, afinal, são «nossos», e os traduz magistralmente em palavras:

¹¹ Ec.3, 1-9; 22.

Eu tive seis casos.

Casos de amor, eu quero dizer.

E, para mim, um caso de amor é coisa de envolvimento muito intenso. Eu namorei bastante; flertei à beça; experimentei casamento; mas casos foram seis. (E o bom é que eu não estou livre de outro...)¹²

Por exemplo, o caso de amor amadurecido com Pessoa, que soube esperar... (dizemos nós).

E esse é ainda um outro aspecto maravilhoso do livro: ele guarda, ele segura o que a gente é quando transa com ele; e então, passados os anos, a gente pode revisitar, reavaliar, reviver a vida da gente, voltando aos livros, com os quais a gente teve um caso de amor. Está tudo ali, retido, seguro, todas as nossas sensações daquele tempo. E não importa que a gente diga, ué, como é que fui me apaixonar por ele? Puxa, se fosse hoje eu não me apaixonaria mais. Não importa. Ele continua a ser o depositário de toda aquela emoção do passado¹³.

O luxo de corrigir e reescrever, somado à sensação da liberdade me rondando, me roçando, me envolvendo, fez uma impressão tão forte dentro de mim, que eu saí desse primeiro encontro pressentindo que fazer literatura ia ser para mim uma imensa aventura interior. Não me enganei. E desde esse dia, eu confundo as palavras livro e livre: me acontece muito querer dizer uma e sair a outra¹⁴.

Estes três pequenos excertos de *Livro: um encontro com Lygia Bojunga*, de 1988, primeira obra da trilogia sobre o livro, elevam-nos a esse patamar onírico, ao lugar dos sonhos que, depois, se traduzem em emoções, sentimentos e realidades...

Interessantíssima, e mais do que apropriada aos dias de hoje, é a opinião de Brecht sobre o que deve ser um bom escritor. Citamo-lo, num texto escrito em Paris, no exílio, em 1934:

Hoje, o escritor que deseja combater a mentira e a ignorância tem de lutar, pelo menos, com cinco dificuldades: é-lhe necessária a coragem de dizer a verdade, numa altura em que por toda a parte se empenham em sufocá-la; a inteligência de a reconhecer, quando por toda a parte a ocultam; a arte de a tornar manejável como uma arma; o discernimento suficiente para escolher aqueles em cujas mãos ela se torna eficaz; finalmente, precisa de ter habilidade para a difundir entre eles¹⁵.

Parece-nos, atrevemo-nos a afirmar, uma tarefa difícil, mas não uma missão impossível! Na verdade, não acreditamos em Hermes Trismegistus que dizia «*Maximum miraculum homo sapiens*», afirmação que numa tradução livre significará que um homem sensato é o maior de todos os milagres...

A prova, uma das inúmeras provas, é que continuamos vivos, unidos ou desavindos mesmo por causa dos livros; mas vivos, porque, sensatamente, percebemos que não há

¹² NUNES, 1995: 28.

¹³ *Ibidem*, 29.

¹⁴ *Ibidem*, 55.

¹⁵ BRECHT, <http://www.resistir.info/brecht/brecht_a_verdade.html>.

alternativa a vivermos juntos, em conjunto, já que o percurso iniciado há milénios continua e continuará.

Homens e livros; livros e homens sempre serão lutadores; sempre serão resistentes! É como se as famosas palavras pronunciadas durante a Batalha de Inglaterra por Sir Winston Churchill, corporizassem a vontade de qualquer lutador, de qualquer resistente, seja quando for e onde quer que se encontre: «*Whatever the cost may be, we shall never surrender!*» Se estivermos atentos, poderemos sempre ouvir palavras semelhantes ao transpormos as portas de qualquer Biblioteca. Logo nos chegará à lembrança o que Publius Syrus deixou escrito: «*Bonum quod est supprimitur, numquam exstinguitur*». (O que é bom pode ser suprimido, mas nunca extinto.)

Aliás, por muito que se prenuncie o desaparecimento do livro impresso, o certo é que no jornal *Público*, no dia 30/10/2012, se dá conta da criação de uma nova empresa – Penguin Random House – que integra todos os interesses dos dois grupos no que diz respeito às línguas inglesa, espanhola e portuguesa¹⁶. Com sede em Nova York, esta será a maior editora de livros de grande consumo do mundo, que desta forma responde aos desafios da era digital.

Regressando à ideia que nos levou a desenvolver este texto, entendemos ser de referir o dia 24 de Outubro de 2012, data em que o Presidente da Câmara Municipal do Porto e o Reitor da Universidade do Porto julgaram por bem assinar um protocolo de cooperação que, pela primeira vez, e de forma inédita, uniu as duas instituições em torno da escrita, do livro e da leitura, sob o alto patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura.

Voltamos a falar do programa, e já não do projecto, «Livres Como Livros». Incluindo dois subprogramas – «Livros da Minha Vida» e «A Arte de Sermos Livros» – pretendemos galvanizar a pólis e levá-la a recordar memórias que dela fazem parte. Se é certo, porém, que as quisemos recuperar, não foi menos determinante a vontade de, com elas ou através delas, nos pretendermos situar num campo de partilha e de debate de ideias, num tempo em que julgamos vital dar largas ao pensamento e à palavra.

Que tempo é este em que, apesar das muitas palavras ditas e registadas, tão pouco conseguimos saboreá-las? Que tempo é este em que, apesar de quase tudo termos ao nosso alcance, tão pouco parece termos aprendido? É, pensamos, o tempo ideal para autores, leitores e gentes ligadas às profissões do livro, em simbiose, partilharem um espaço; de resto, um espaço da cidade, integrado numa Biblioteca: a Biblioteca Municipal Almeida Garrett.

Foi com esta intenção que, literalmente, fomos fazendo caminho («*caminante, no hay camino; se hace el camino al andar*» – António Machado), porque um programa com a duração de 15 meses, envolvendo cerca de 80 convidados foi seguindo rumo, tomando corpo e juntando fazedores de palavras, contadores de histórias, ouvintes atentos e mentes abertas. A sua Comissão Organizadora (Maria Luísa Malato, Isabel Morujão e Isabel Pereira Leite), empenhada na prossecução de tal programa, tem vindo, lado a lado com a escrita, os livros e os leitores, a definir o seu percurso.

¹⁶ COUTINHO, 2012: 24.

A Alma habita o corpo. De um outro modo, também o faz a mente. É vital que as alimentemos a ambas. Cada livro, porque é um pedaço do ser que o criou, tem Alma, vive, é inteiro por si. É único, como aquele que lhe deu origem. E é Livre!

Assim, e por nos parecer apropriado, terminamos com um poema nosso, que recu-
pera o título deste texto:

LIVRES COMO LIVROS

Livre é a palavra.

Livre é a mão que a escreve.

Livre é o olhar que sobre ela poisa.

Livre é o pensamento. O que a origina e o que dela nasce.

Livre é aquele que escolhe o momento em que os torna seus.

Livre é o que crê porque lê, e o que lê porque crê.

Livre é o que vê para além do que lê.

Livre é o que sente porque quer sentir.

Livre é o que chora e ri porque atravessou as palavras que tornou suas.

Livre é o que as oferece a quem as sonhou sem saber.

Livre é a folha em branco que aguarda a primeira palavra.

Livre é o que hesita em confiar-lha até, por fim, se decidir.

Livre é o que hesita em procurá-la até, por fim, a encontrar.

Infinitamente livres somos, como infinitamente livres são os livros. Por sermos unos.
Indivisíveis.

Livres somos, porque assim nos fizemos nas palavras que sempre imaginámos e
sempre dissemos.

Livres são os livros, porque assim se fizeram nas palavras que sempre acolheram.

No tempo que esculpe as palavras que todos os contadores de histórias lhe entrega-
ram, se enredam homens e livros.

A ponto de, a cada acordar, se confundirem, por respirarem a mesma liberdade.

Sim. Somos livres como livros.

BIBLIOGRAFIA

BACON, Francis (1992) – *Ensaaios*. 3.ª ed. Lisboa: Guimarães Editores.

BÍBLIA. A.T. (1982) – Lisboa: Verbo.

BORGES, Jorge Luís (1998) – *Obras Completas: III, 1975-1985*. 1.ª ed. Lisboa: Editorial Teorema.

BRECHT, Bertolt – *As Cinco Dificuldades Para Escrever a Verdade*. Disponível em <http://www.resistir.info/brecht/brecht_a_verdade.html>. [Consultado em 30 de Março de 2013].

CARDOSO, Miguel Esteves (2005) – *Elogio ao Amor*. «Expresso», 18 de Junho.

COUTINHO, Isabel (2012) – *Penguin + Random House = o maior grupo editorial do mundo*. «Público», 30 de Outubro.

CURTO, Diogo Ramada et al. (2007) – *As Gentes do Livro: Lisboa, séc. XVIII*. 1.ª ed. Lisboa: Biblioteca Nacional.

ECO, Umberto (2012) – *Confissões de um Jovem Escritor*. 1.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.

EMPEREUR, Jean-Yves (2002) – *Alexandria: past, present and future*. 1.ª ed. London: Thames & Hudson.

- MALATO, Maria Luísa (2010) – *A Livraria dos Viscondes de Balsemão: leitura de um espólio*. In *Crítica Textual e Crítica Genética em Diálogo*. 1.^a ed. München: Martin Meidenbauer, v. 2, p. 473-492.
- MALPIQUE, Cruz (1962) – *Introdução Sentimental às Bibliotecas*. 1.^a ed. Porto: Livraria Ofir.
- MANGUEL, Alberto (2008) – *The City of Words*. 1.^a ed. London: Continuum.
- (2007) – *Um Diário de Leituras*. 1.^a ed. Porto: Asa.
- NUNES, Lygia Bojunga (1995) – *Um Encontro com Lygia Bojunga*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Editora Agir.
- PESSOA, Fernando (1972) – *Obra Poética*. 4.^a ed. Rio de Janeiro: C.^a José Aguilar Editora.
- PEIXOTO, José Luís (2003) – *Entrevista*. «Notícias Magazine», 28 de Setembro.
- SCHWARCZ, Lília Moritz (2007) – *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. 1.^a ed. Lisboa: Assírio e Alvim.
- SILVA, Agostinho da (1999) – *Textos e Ensaios Filosóficos II*. 1.^a ed. Lisboa: Âncora Editora.
- SOUSA, Rogério (2012) – *Em Busca da Imortalidade no Antigo Egipto: viagem às origens da civilização*. 1.^a ed. Lisboa: Êsquilo.
- YUTANG, Lyn (1994) – *La Importancia de Vivir*. 1.^a ed. Barcelona: Apóstrofe.

